



Curitiba, Brasil, em 15 de fevereiro de 2011.

## CONSIDERAÇÕES SENEGALESAS

*André Peixoto de Souza  
Sidney Carneiro Ferraz*

### 1. História e Memória: a Ilha de Gorée



Foto: Sidney Ferraz

No dia 08 de fevereiro tivemos a oportunidade, juntamente com algumas pessoas que conhecemos durante o Fórum Social Mundial, em especial a museóloga Paula Assunção dos Santos (*Amsterdam School of the Arts, Amsterdam*) e o sociólogo e revolucionário Alípio de Freitas (Universidade de Lisboa), de visitar a “Ilha de Gorée”, local onde foi elaborada a “*Carta Mundial dos Migrantes*”. A relevância em conhecer a Ilha foi de fundamental importância dado o caráter vinculante daquela história com a nossa história (do Brasil).

A Ilha de Gorée foi, entre os séculos XV e XIX, um dos maiores centros de comércio de escravos para a Europa, tendo sido “administrada” por portugueses, holandeses, ingleses e franceses. Caracteriza-se pelo forte contraste entre as prisões dos escravos negros e as mansões de seus mercadores.

Sáimos do hotel por volta das 13h30, caminhamos por cerca de 1000 metros até chegar à estação de embarque. Nesse decorrer pudemos constatar as minúcias do mercado informal existente em Dakar. A insistência dos “comerciantes” em vender “qualquer coisa a qualquer preço” se transformava nitidamente em desespero pela subsistência. Diante do fracasso das vendas, alguns senegaleses acabavam suplicando por algum dinheiro, a título de esmola, ou em troca de alguma oração ou proteção ou bênção...

No pequeno barco de travessia (a Ilha dista 3000 metros do porto de Dakar) o comércio de produtos perdurava, notadamente artesanais e de percussão musical. E logo no desembarque a enxurrada de comerciantes sugeria, acertadamente, que o mesmo comércio informal existente na cidade é idêntico na Ilha, deixando claro que o principal meio de sobrevivência dos habitantes é esse: qualquer coisa, por qualquer coisa. As crianças bem pequenas exercem curiosa atividade, em troca de alguma moeda: “engraxates de chinelos”!

A primeira e imediata impressão na Ilha de Gorée é a de que estávamos vivendo no presente uma história tão distante... beleza e tristeza se mesclavam em séculos de condição estarrecedora. As aulas de história da infância e da adolescência foram rememoradas com sabor angustiante.



Foto: Sidney Ferraz



Foto: André Peixoto

Obviamente o ponto central da Ilha é a Casa dos Escravos (*Maison des Esclaves*), uma casa construída em 1786, dividida em dois ambientes fortemente distintos: no térreo, pela entrada, um átrio rodeado por celas separadas e classificadas (homens, mulheres, crianças, virgens, deficientes, “castigo”, “pesagem” etc.); no primeiro andar, a residência e o escritório do comerciante.



Foto: Sidney Ferraz

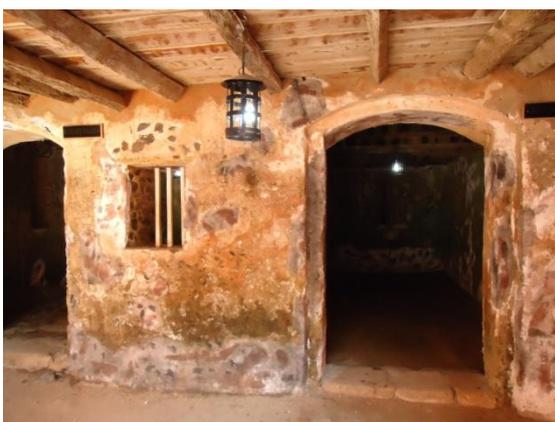


Foto: André Peixoto

Nos fundos da prisão avistamos uma porta que se abre ao mar, conhecida como a “porta da morte”, ou a “viagem sem regresso”. Servia tanto para embarcar os escravos nos navios negreiros, quando atracados, quanto para jogar os escravos, após castigados – vivos ou mortos –, ao mar e aos tubarões.



Foto: André Peixoto

Foto: Sidney Ferraz

A classificação, pesagem e separação dos negros remete a um conceito clássico (aristotélico) do homem-objeto. Ao lado da cela das crianças (cada cela mede aproximadamente 20 metros quadrados, na qual empilhavam-se cerca de 200 pessoas) havia a sala onde eram colocadas as meninas virgens, mais valiosas do que todos os demais. Eram vendidas por quatro vezes mais o valor das mulheres, e algumas escolhidas por seus “proprietários” para satisfazê-los sexualmente. Caso engravidassem, ganhavam liberdade e poderiam viver livres com seus filhos mulatos. Por esse motivo, acabavam “preferindo”, e até mesmo buscando os abusos sexuais, o que lhes garantia, se grávidas, a liberdade!

Sabe-se que foram comercializados milhões de escravos – por iniciativa dos espanhóis (a partir do século XVI) e aprimorado pelos portugueses, holandeses, ingleses (e americanos) e franceses – servindo a Ilha de Gorée como principal ponto logístico de mercância e “estocagem” dos negros africanos.

Apenas no século XIX as abolições tiveram lugar, e a Ilha de Gorée se transformou em um marco dessa catástrofe humana, um símbolo da exploração humana e da diáspora africana, patrimônio da humanidade (Unesco, 1978).

Hoje os seus habitantes – 1200 no total – são descendentes dos escravos da história, e a impressão que tivemos é a de que eles continuam sob o regime de uma espécie de escravidão “moral”, em pleno século XXI. A escravidão imposta por uma ditadura velada do governo do Senegal (que se diz liberal e democrático), por um descaso das Nações Unidas (que concede apenas uma placa de bronze em “memória” à libertação da escravatura), por um desprezo dos homens do mundo, que desconhecem essa dura realidade, ou que, quando conhecem, não se importam, ou ainda que, quando conhecem e se importam, são frágeis às imposições de uma onda muito mais forte do que eles: o imediatismo e o egoísmo pautados por uma estrutura social que exige esse esgoto humano, às custas de sua ampliação enganadora e parasita: o *capitalismo*.



Foto: Edilmara da Silva

## 2. A Produção Salina do Lago Rosa: uma visão do “interior”

No penúltimo dia da viagem programamos conhecer uma produção salina no interior do Senegal. A partir de uma *van* alugada, fomos ao Lago Rosa, atravessando 60 km extremamente difíceis, não tanto pela precária estrada, mas pelas visões que se mostravam ao seu longo.

O motorista, seguindo o costume local, abasteceu apenas o suficiente para ir e voltar a Dakar, ocasião em que, no posto de gasolina, fomos abarrotados por produtos de vendedores ambulantes. Nessa oportunidade, Sidney comprou um relógio de “marca famosa” por apenas 2 dólares! Mal sabia que essa peça serviria para escambo de outros (vários) artigos artesanais, num interior ainda mais miserável do que o que vivíamos.

Durante o percurso, deparamo-nos com um mercado de bois. Neste local eram comercializados, além dos animais, feno e carne, sem o mínimo cuidado higiênico: carnes cortadas e penduradas em cordas como que de roupas, em meio a vários caminhões boiadeiros. O costume local consiste em realizar trocas dos alimentos por vários outros produtos, como cama, sofá, outros alimentos *etc.* Em tendas haviam ganchos onde eram pendurados cabritos inteiros, com sangue escorrendo... e muitas moscas em volta. Ao lado do mesmo local, cabritos vivos se alimentam de lixo, e ao redor, crianças brincam.

No meio do trecho saímos da estrada principal e adentramos numa via secundária rumo ao Lago Rosa. A estrada era de areia e completamente esburacada. Somente a visão das árvores típicas era capaz de afastar o triste cenário das casas e comércios da região: o Baobá, conforme contam orgulhosos os moradores, é o emblema nacional do Senegal, podendo alcançar alturas de 5 a 30 metros, com diâmetros de 7 a 15 metros e tem grande capacidade

de armazenamento de água dentro do seu tronco (pode chegar a armazenar próximo a 120.000 litros de água). Sem contar que o mito local consiste em crer que um morto enterrado junto ao Baobá terá sua alma preservada e protegida por 4000 anos.



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz

Casas e comércios, ao longo do trajeto, impressionam pela simplicidade ou precariedade. Algumas de concreto e, outras de sapê, em verdade nenhuma com qualquer acabamento ou manutenção. A impressão que tivemos era de cenário de guerra. Na passagem por becos das vilas observamos locais de banhos comunitários (homens ao ar livre tirando a roupa, molhando-se em canos saídos de paredes de concreto, vestindo as mesmas roupas e saindo normalmente).

Outro fato curioso que prova o atraso do desenvolvimento e do pouco contato com tecnologias foi a fuga espetacular de nossa câmera fotográfica por um “cavaleiro” da vila: assim que Sidney apontou a câmera em sua direção, o senegalês saiu em disparada pelo

caminho contrário. Disse o motorista (senegalês) que o cavaleiro teria pensado ser alguma arma...

Logo à frente, no encerramento da estrada, camelos, dunas e deserto. Era o princípio do Saara. Após percorrermos aproximadamente 10 km por essa estrada secundária, chegamos ao Lago Rosa.



Foto: Edilmara da Silva



Foto: Edilmara da Silva

Logo que a *van* parou, o veículo foi rodeado de vendedores. Ganhamos desde logo pacotinhos de sal extraídos da Lagoa. O relógio comprado no posto de gasolina foi trocado por inúmeros artefatos locais: quatro peças artesanais. Uma boa troca para ambos, pois o relógio valeria muito mais ao nativo, quem conseguiria por ele muitas outras coisas.

Na ocasião, um dos serviços mais disputados pelos trabalhadores do Lago era para “guia” (em verdade, para dar algumas explicações sobre o Lago e as atividades do local). Ganhava aquele que falava inglês. Nosso guia explicou todo o processo da extração de sal. Gravamos: “este é o Lago Rosa, local que encerrava o último trecho do Rally Paris-Dakar; por motivo de segurança foi cancelado. No interior deste Lago existe grande quantidade de algas, minerais e outros microorganismos. Próximo ao meio dia, quando o tempo é bom e a luz do sol o atinge, ele fica com a cor rosa durante um certo tempo. Esse Lago possui a maior concentração de sal do mundo”. As explicações elucidaram nossas visões e impressões. Mulheres carregavam na cabeça bacias cheias de sal, com aproximadamente 30 a 40 kg. Qualquer pessoa é livre para retirar o sal, mas todos têm consciência de que não podem trabalhar mais do que dois dias por semana, pois o sal é prejudicial à saúde, e especialmente à pele. Tanto assim é, que para não causar queimaduras passam um óleo no corpo antes de iniciar os trabalhos.

Em um dia de 10 a 12 horas de trabalho, conseguem retirar o equivalente a 2000 kg de sal, sendo necessário três pessoas para desenvolver esse trabalho: a pessoa que retira o sal, o remador da canoa e a mulher que descarrega a canoa, na seguinte participação e proporção: quem retira o sal fica com 1000 kg (50 %); o remador fica com 500 kg (25%); e a mulher que descarrega o sal fica com 500 kg (25%).

Ficamos impressionados com a quantidade de sal extraída por apenas uma equipe, em um único dia de trabalho. Sem contar que várias equipes trabalham por ali, o dia todo, todos os dias...

Inúmeros sacos de sal espalhavam-se pelo chão, ao longo de toda a margem do Lago. Nosso “guia” explicou que tudo aquilo seria levado para a Europa, em especial à França; cada saco de 25 kg é comercializado por um dólar!



Foto: André Peixoto



Foto: André Peixoto



Foto: André Peixoto



Foto: André Peixoto



Foto: André Peixoto



Foto: Edilmara da Silva

Num sistema precário e rudimentar, as pessoas visivelmente sofrem por causa do contato com a água do Lago; as peles dos pés e das mãos são grossas e secas; apresentam várias marcas pelo corpo, levando a crer que são queimaduras, algumas dessas ainda a cicatrizar. Famílias inteiras trabalham ali, num rendimento mensal de aproximadamente 70 a 80 dólares, ficando nítido que as grandes tratativas (de exportação, por exemplo), e seus consequentes rendimentos, estão a cargo de outras personagens desta triste realidade.

### 3. O papel da educação

*A educação é a mais poderosa arma pela qual se pode mudar o mundo.*

**Nelson Mandela**

Seja como for, a todo instante percebemos, entre a capital e o interior, entre crianças e jovens, uma espécie de consciência educacional.

Desde nossas impressões na Universidade Cheikh Anta Diop, em Dakar, até o ensino infantil e fundamental na Ilha de Gorée, quer nos parecer que os estudantes se dedicam extraordinariamente ao que fazem. Parece-nos uma consciência de “libertação”, uma ciência – e uma certeza – de que esse é o único caminho para escaparem da miséria. Seja no Senegal, seja na França, local para onde muitos universitários “peregrinam” após a formatura, em busca de melhores condições de vida. Nem se compare!



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz



Foto: Sidney Ferraz

O estudante é realmente valorizado, priorizado. Mas, obviamente, dentro das limitações estruturais notórias no País e na região. As condições são precaríssimas, mas impressiona mais do que tal precariedade a vontade dos estudantes em querer crescer, aprimorar, lutar pela sua emancipação.

Importa recordar aqui os ensinamentos do Professor Paulo Freire, para quem a educação realmente é capaz de libertar e emancipar o homem, seja qual for a sua condição material (social, econômica, cultural). Conseguimos compreender, para além do que havíamos proposto em nossa conferência perante os estudantes da Universidade em Dakar, que ainda vivemos (e isso é denunciado há quanto tempo?) uma alienação no ensino, quando percebemos nitidamente que a forma é mais importante do que a função (ou a missão!), que a transferência ou o depósito de conteúdo se sobrepõe ao desafio, à comunicação e à construção crítica dos saberes, à relação que deve ser estabelecida entre professor e estudante; que a nota carimbada na testa de cada jovem aprendiz no decorrer de um deturpado “sistema de avaliação” não condiz com a realidade cultural daquele estudante... que tudo isso, em suma, tem sido mais relevante do que os conceitos e idéias verdadeiramente retidos pelo estudante.

Ora, “*formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas” (Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*). O compromisso do educador deve ser,

pois, em todas as instâncias e setores do ensino, muito mais do que “treinar” os estudantes a marcarem “x” num papel a que se denomina “prova” ou “exame”, que, sabemos, não “prova” nem “examina” coisa alguma.

Arrematamos com Edgar Morin, sem no entanto estancar o debate, pois que toda a experiência que a Estácio nos proporcionou no Senegal certamente ainda dará muitos frutos. O pensador francês admitiu, certa feita, que as sociedades “domesticam” os sujeitos por meio de idéias e mitos; paradoxalmente, as idéias domesticam os indivíduos, e até mesmo as sociedades. Mas é possível nos dizeres do filósofo, que os indivíduos podem – sim! – domesticar as idéias e conseqüentemente a sociedade! Para isso basta um único instrumento: a educação, que deverá estar sempre “apta a *armar* o homem para a batalha vital rumo à lucidez” (Edgar Morin, em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*).



Foto: Sidney Ferraz